

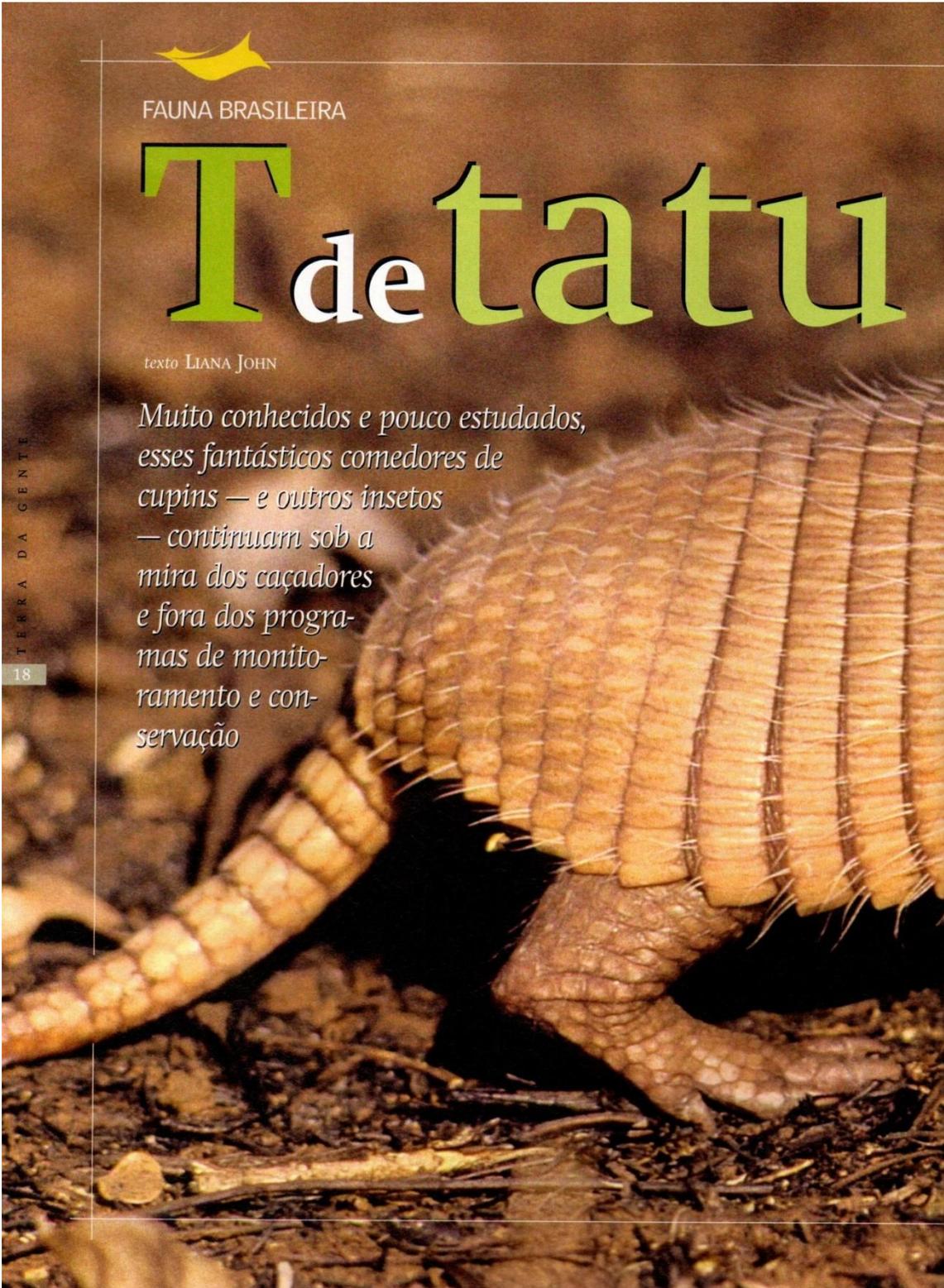


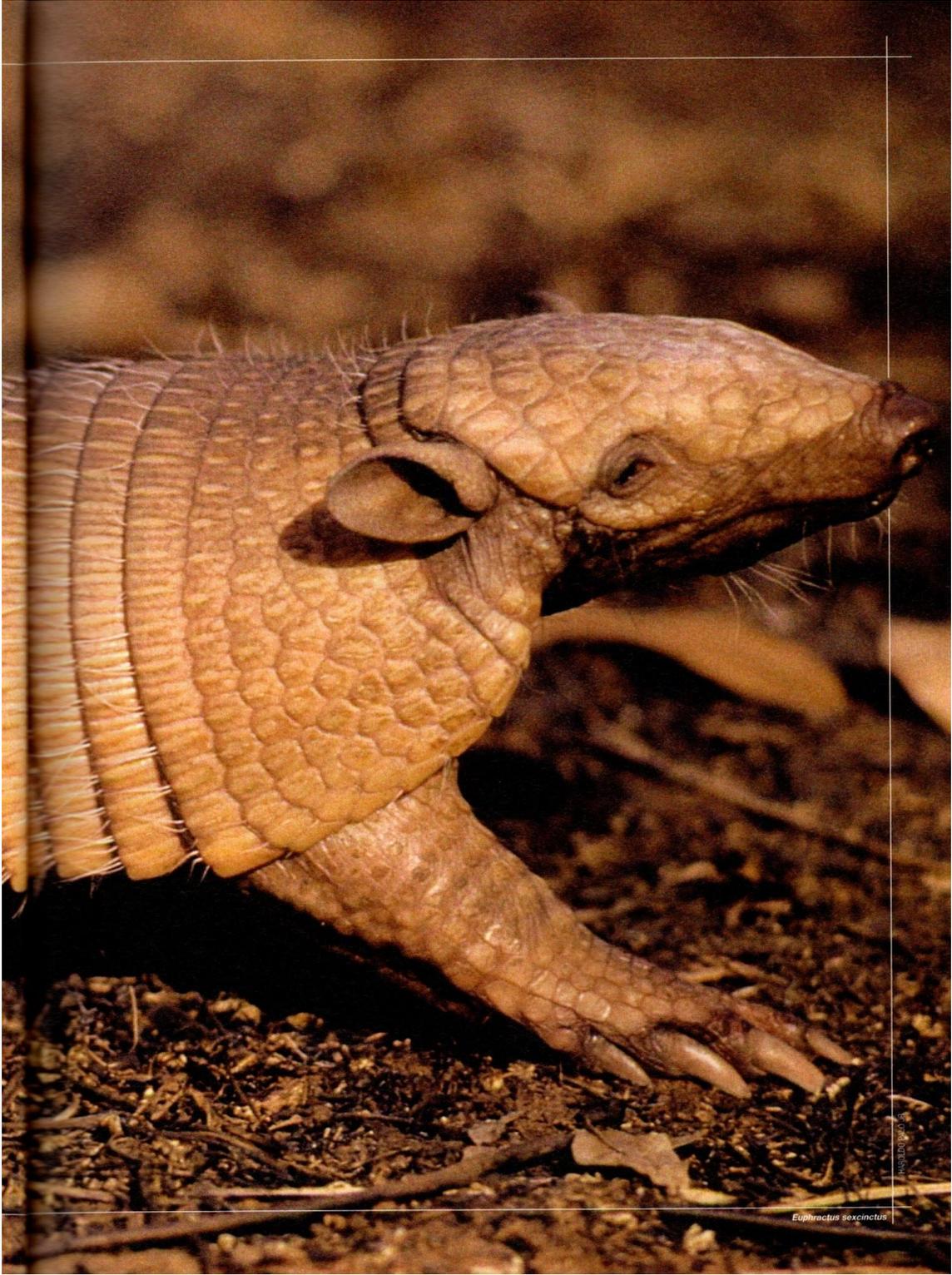
FAUNA BRASILEIRA

T de tatu

texto LIANA JOHN

Muito conhecidos e pouco estudados, esses fantásticos comedores de cupins — e outros insetos — continuam sob a mira dos caçadores e fora dos programas de monitoramento e conservação





Euphractus sexcinctus

PHOTO: J. P. P. S. A.



Duas sílabas sonoras e fáceis de pronunciar transformaram o tatu em referência alfabética para crianças aprendendo a soletrar. O tatu é um dos poucos animais silvestres nativos a freqüentar as aulas das escolas brasileiras, ao lado de 'estrangeiros' tradicionais em nosso alfabeto popular, como o elefante da letra E, a girafa da letra G, o hipopótamo da letra H e a zebra da letra Z. O nome popular vem do tupi e se refere à carapaça óssea, protetora (*ta* =

duro e *tu* = espesso). Já a popularidade do tatu parece estar associada ao fato de boa parte das espécies serem comuns e até abundantes. E apreciadíssimas como alimento.

A caça de qualquer uma das onze espécies brasileiras de tatus é proibida por lei. Mas essa lei costuma ser ignorada e a carne de tatu freqüenta inclusive mesas muito pobres, já que é possível – e fácil – pegar um tatu sem arma de fogo, com armadilhas feitas em casa, ou mesmo a mão, puxando o animal pelo rabo quando

ele entra em sua toca. A facilidade de cozinhar ou assar o tatu no próprio casco ainda contribui para torná-lo uma caça de ocasião, consumida por viajantes de toda sorte. Muitos nem estão no campo para caçar tatu, mas se um deles cruzar seu caminho, não perdem a chance de reforçar o cardápio.

Mudar esse comportamento tão arraigado a partir de projetos de conservação é, portanto, mais que uma tarefa árdua. É uma missão quase impossível, embora existam alguns

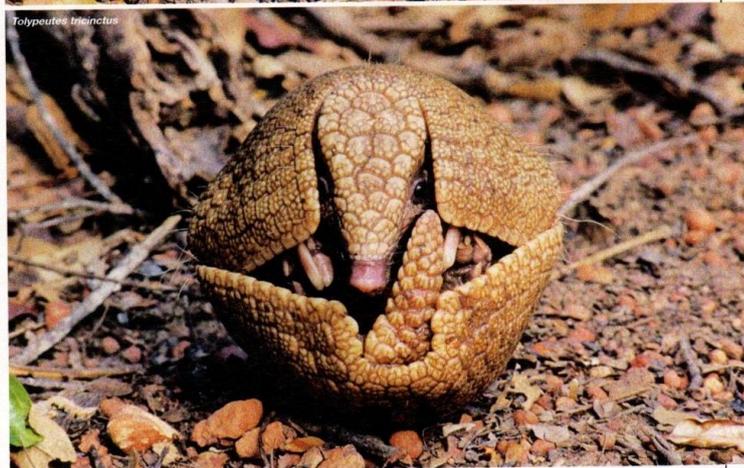
ESTRATÉGIAS OPOSTAS

Generalista, o peba se vira até em ambientes degradados. Já o bola (à dir.), mais exigente, não consegue conviver com o homem

Tolypeutes trilineatus



Tolypeutes trilineatus



FOTOS: ANDRÉ PESSOA

pesquisadores dispostos a arregaçar as mangas. Nos últimos dois anos, um grupo de pesquisa coordenado por Leandro Silveira percorre sistematicamente o Parque Nacional das Emas atrás de exemplares de tatu-canastra (*Priodontes maximus*), o maior, o mais especializado e certamente o mais ameaçado dos tatus. Os animais capturados são medidos, pesados e recebem um rádio-transmissor para serem monitorados.

“Um dos problemas é a fixação do transmissor. O desconhecimento

sobre os tatus é tão grande que tivemos, inclusive, que desenvolver esse método de fixação, pois os tatus andam em meio à vegetação, entram em buracos estreitos e acabam perdendo o transmissor”, conta Silveira. Os sete tatus rastreados pela equipe permaneceram com o transmissor durante apenas três a quatro meses, em média, enquanto as onças, por exemplo, ficam com o mesmo colar durante dois anos. “Os próximos tatus que capturarmos receberão um implante na parte interna da carapaça e com isso esperamos monitorá-los por mais tempo”, diz. No último ano, o Projeto Tatu-Canastra con-

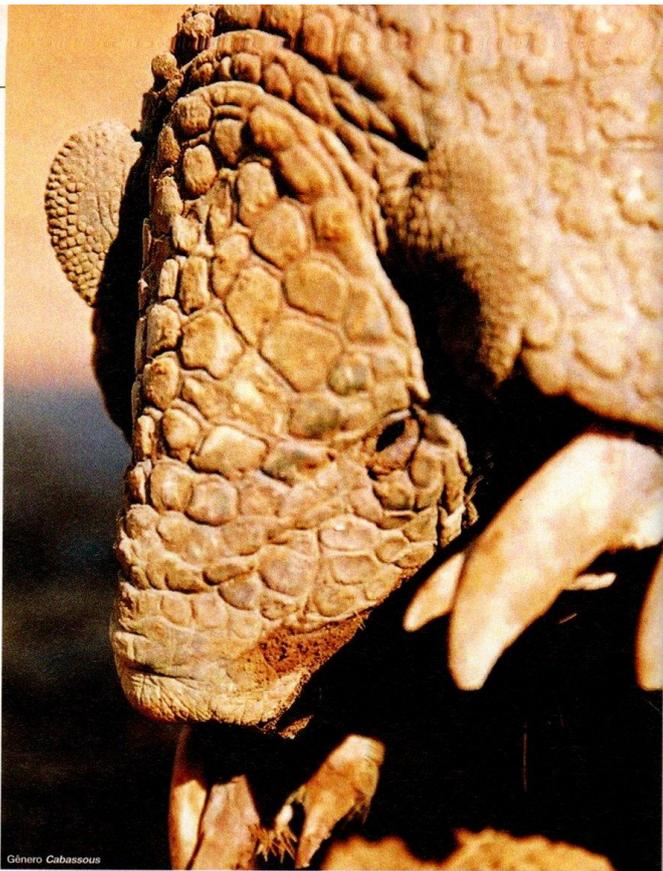
tou com recursos da organização não-governamental Conservação Internacional (CI-Brasil) da ordem de US\$ 60 mil e há perspectivas de continuidade por mais dois anos, pelo menos.

Uma boa notícia, entre os resultados preliminares do estudo, é a estimativa do número de tatus-canastra vivendo em Emas – cerca de 60 – bem mais do que o inicialmente imaginado. Outros aspectos positivos são o baixo índice de atropelamentos e a ausência de interação com animais domésticos, o que livra a espécie de doenças introduzidas. Aparentemente esses tatus toleram algu-

Quanto mais especializado o tatu, mais vulnerável

ma sobreposição de áreas individuais, embora cada animal necessite de mil a 3 mil hectares para viver.

“O canastra é realmente noturno, seu pico de atividade ocorre entre meia-noite e 4 horas da madrugada. Depois ele entra em seu buraco e cai num sono profundo, o que o expõe aos caçadores dispostos a cavar. E para achar a toca também é fácil porque ele deixa um rastro bem visível, de capim amassado”, observa Silveira. “Outra vulnerabilidade é sua dieta, bem mais especializada em cupins do que os outros tatus, que se alimentam de uma variedade maior de insetos, além de raízes, frutos e até pequenos vertebrados, como lagartinhos e pererecas. E quanto mais especializado é qualquer animal, mais vulne-



Gônero Cabassous

GIGANTES QUE O HOMEM CAÇAVA



Originários da América do Sul, os tatus já foram muito maiores e havia muito mais espécies, sobretudo no Período Terciário (de 60 a 2 milhões de anos atrás). Verdadeiros gigantes — como *Doedicurus clavicaudatus* —

viviam nos campos do Cone Sul, onde eram caçados pelos homens primitivos, que eventualmente utilizavam suas carapaças como proteção. Um espécime desse ancestral do tatu podia chegar a 4,3 metros de comprimento

por 2 metros de altura, com um peso estimado em 2 toneladas. Algumas carapaças foram recuperadas praticamente inteiras em sítios paleontológicos da Argentina e do Uruguai e hoje estão em museus da própria região e da Europa.

Também na Amazônia, em barrancos de terra firme ao longo do rio Solimões, já foram encontrados muitos gliptodontes, como também são conhecidos esses tatus pré-históricos, que eram herbívoros e tinham uma carapaça óssea muito dura. Algumas espécies tinham ainda uma proteção para o crânio, à guisa de capacete (presente também em espécies atuais), e uma verdadeira arma na ponta da cauda: uma massa óssea com ‘espinhos’, semelhante às clavas dos antigos gladiadores.

A coluna vertebral era soldada, o



CAMPO E MATO

O tatu-de-rabo-mole (à esq) habita áreas abertas, enquanto o galinha (acima) prefere matas. Os filhotes do galinha (abaixo) sempre têm irmãos gêmeos idênticos

Dasylops novemcinctus

Dasylops novemcinctus



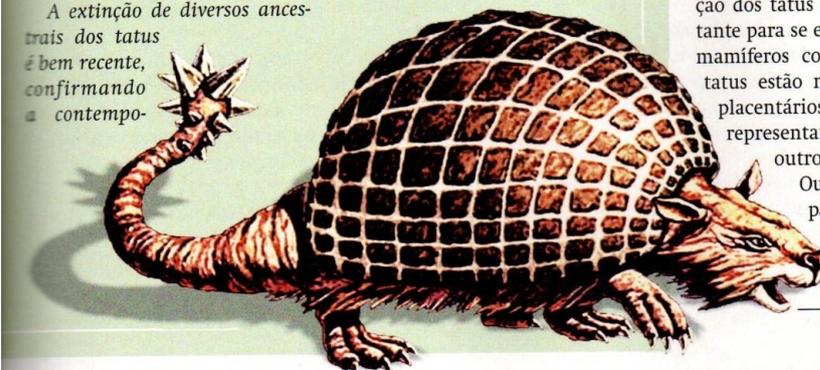
ANJIE PESSOA

JOÃO PEDRINI

que limitava seus movimentos e talvez tenha sido seu grande ponto fraco diante dos caçadores humanos. Junto ao um fóssil de gliptodonte encontrado em Azul, na Argentina, foram escavadas também ferramentas feitas com quartzo, desenvolvidas, ao que tudo indica, para carnear o 'tatu-tanque-de-guerra'.

A extinção de diversos ancestrais dos tatus é bem recente, confirmando a contempo-

raneidade com caçadores-coletores. O gigante de 4 metros Panochtus intermedius, por exemplo, desapareceu há cerca de 8.500 anos apenas. Outra evidência da longa tradição de caça ao tatu está nas paredes das tocas e grutas da Serra da Capivara, no Piauí, representada em pinturas rupestres.



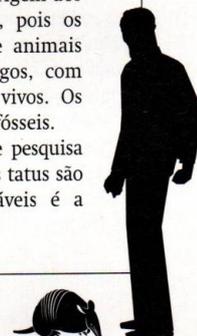
rável fica às ameaças de extinção”.

O fato de o canastra ser especialista também afeta sua tolerância a alterações de ambiente. Ele não ocupa áreas agrícolas ou mesmo pastagens ativas, e isso torna a perda de habitat um grave problema para sua sobrevivência, ao lado da pressão de caça. E a espécie fica ainda mais vulnerável quando consideramos sua baixa taxa de reprodução: a gestação aparentemente é longa (o período exato não é conhecido), de um único filhote, do qual a mãe cuida durante pelo menos 3 meses. O mesmo problema ocorre com as duas espécies dos pequenos tatus-bola (*Tolypeutes tricinctus* e *T. matacus*), que também têm uma dieta mais restrita a cupins e formigas e também têm apenas um filhote por ano.

Bem mais prolíferas, além de menos exigentes quanto a habitat e dieta, as espécies do gênero *Dasylops* levam vantagem sobre nossos maiores e menores tatus. O tatu-galinha, o tatu-quinze-quilos, o tatu-mulita e o tatuí (respectivamente *D. novemcinctus*, *D. kappleri*, *D. hybridus* e *D. septemcinctus*) têm ninhadas de 4 a 12 filhotes. E o curioso é que são sempre gêmeos univitelinos, ou seja, idênticos em tudo, inclusive no sexo. Uma curiosidade de conhecimento popular, conforme cita Rodolpho von Ihering no *Dicionário dos Animais do Brasil*: “O tatu mais a mulita, é lei de sua criação, sendo macho não pode ter irmã, sendo fêmea não pode ter irmão”.

Além da mera curiosidade, o estudo das particularidades da reprodução dos tatus é considerado importante para se entender a origem dos mamíferos com placenta, pois os tatus estão no grupo de animais placentários mais antigos, com representantes ainda vivos. Os outros são todos fósseis.

Outra linha de pesquisa para a qual os tatus são indispensáveis é a



O tatu é o único hospedeiro do agente causador da hanseníase

biomedicina, mais especificamente a busca de cura para a hanseníase. Tatus do gênero *Dasybus* são os únicos animais – além do homem – em cujo organismo o agente causador da lepra (*Mycobacterium leprae*) pode se desenvolver. De um lado, pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) investigam a importância do tatu como hospedeiro (e transmissor) da hanseníase. De outro, usam o tatu-galinha como modelo animal para tentar desenvolver uma vacina.

Da mesma forma, pesquisadores da Fiocruz estudam a relação de algumas doenças pulmonares com a caça e o consumo de tatus. É o caso da coccidioidomicose, uma doença originada pelo fungo *Coccidioides immitis*, que, ao ser inalado, instala-se no sistema respiratório humano e pode ser fatal mesmo para pessoas jovens e fortes. A presença do fungo foi constatada no pulmão de dois primos, de 19 e 20 anos, que adoeceram



e morreram algumas semanas após uma caçada de tatu-galinha, que fizeram juntos.

De acordo com o zoólogo Flávio Guimarães Rodrigues, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), todos os tatus cavam seus próprios buracos, exceto os tatus-bola, que aproveitam tocas abandonadas. As tocas servem de refúgio contra predadores e como

abrigo contra intempéries. “Também em caso de incêndios e queimadas, muito comuns nas áreas de Cerrado, os tatus que conseguem entrar em suas tocas estão a salvo, suficientemente isolados das altas temperaturas”, explica. Os buracos ainda abrigam as ninhadas. “Mas nenhuma das espécies de tatu mantém a mesma toca por muito tempo e as fêmeas costumam até

As espécies brasileiras

Existem oito gêneros e 21 espécies conhecidas de tatus, todas originárias das Américas e pertencentes à mesma família – Dasypodidae. A maioria habita campos abertos e algumas são adaptadas às duras condições dos desertos. Mas existem tatus de floresta também, e até de zonas inundáveis, revelando-se bons nadadores. Boa parte dos nomes científicos de tatus refere-se ao número de ‘cintas’ ou divisões em sua carapaça, uma maneira dos pesquisadores lidarem com sua confusa taxonomia. As espécies com registro no Brasil são:

TATU-BOLA (*Tolypeutes tricinctus*) –

Habita a Caatinga, chegando até o Cerrado a oeste do sertão nordestino. Pesa em média 1,5 kg e consegue dobrar a carapaça numa bola perfeita

TATU-BOLA (*Tolypeutes matacus*) – Vive no Cerrado do Mato Grosso e do Paraguai, Bolívia e Argentina. Como seu ‘parente’ nordestino, é pequeno, solitário e noturno

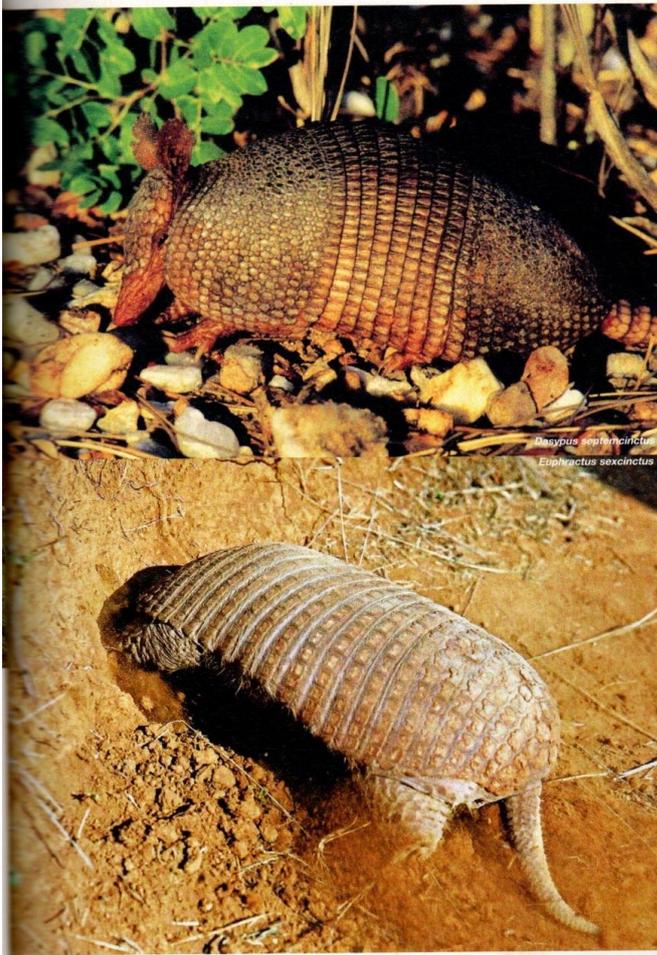
TATU-CANASTRA (*Priodontes maximus*) – É a maior espécie de tatu. Pesa em média 50 kg, chega a um metro de comprimento (sem a cauda) e tem uma unha imensa, que chega a 20 cm. Foi e continua sendo muito caçado e está entre os mais ameaçados

TATU-GALINHA (*Dasybus novemcinctus*) – De ampla distribuição, ocorre desde os Estados Unidos até o Uruguai, do litoral brasileiro até o Andes, entre zero e 1.500 metros de altitude. Chega a pesar até 10 kg. É muito caçado

TATU-QUINZE-QUILOS (*Dasybus kappleri*) – Maior espécie do gênero. Apesar do nome, alcança, no máximo, 12 kg. Ocorre em matas e faz tocas de múltiplas entradas nas margens de cursos d’água

TATU-MULITA (*Dasybus hybridus*) – Habita a Mata Atlântica e os campos do Sul do Brasil. Pesa cerca de 2 kg

TATUÍ (*Dasybus septemcinctus*) –



MAIORES E MENORES

O canastra (pág. ao lado) é o maior e o mais ameaçado. O tatuí (à esq.) é mestre em esconderijos e o peba (abaixo) é o mais comum

transferir os filhotes de toca, mais de uma vez, no período em que estão sob seus cuidados”.

Os buracos abandonados servem de abrigo para uma grande variedade de animais, incluindo serpentes. Isso inspirou muitas lendas e até associações inusitadas. Segundo os seringueiros e os índios ashaninka do Acre, por exemplo, o tatu-verdadeiro (ou tatuí) convive em harmonia, dentro de sua toca, com a maior serpente peçonhenta do País, a surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis muta*). Para os ashaninka, inclusive, o tatuí é parente da surucucu, pois a cabeça dos dois se parece.

As temperaturas estáveis sob o solo são importantes para todas as espécies de tatu. Assim como tamanduás e preguiças, mamíferos da ordem Xenarthra (à qual os tatus pertencem), eles também têm problemas para controlar a temperatura do corpo. Os tatus-bola chegam a recorrer a um artifício interessante para contornar o problema, graças a espaços vazios em suas carapaças, onde armazenam ar, formando uma camada de isolamento térmico. Vale destacar, também, a incrível capacidade dos tatus desse gênero (*Tolypeutes*) de se dobrarem sobre si mesmos, formando uma bola. Como sua carapaça é mais dura do que a dos demais tatus e a bola trava de verdade, eles conseguem escapar dos predadores naturais, entre os quais estão o lobo-guará, os cachorros-do-mato e os felinos, enumera Flávio Rodrigues. Eles só não conseguem escapar mesmo à predação do homem e nisso se igualam aos demais tatus, grandes ou pequenos, de qualquer parte do Brasil.

Pouco menor que o tatu-mulita, pesa cerca de 1,5 kg. Considerado raro por alguns estudiosos apenas difícil de localizar, por outros

TATU-PEBA OU PELUDO (*Euphractus sexcinctus*) — Ao contrário da maioria dos tatus, é diurno e tem dieta variada, alimentando-se inclusive de carcaças. É muito caçado apesar do sabor considerado ‘forte’. É um dos tatus mais atropelados em rodovias, devido à sua capacidade de colonização de monoculturas

TATU-DE-RABO-MOLE-PEQUENO (*Cabassous unicinctus*) — De

aspecto bem diferenciado dos demais gêneros de tatu, confunde-se com outras espécies do mesmo gênero. É assim chamado porque seu rabo, pequeno, não é totalmente recoberto por placas

TATU-DE-RABO-MOLE-GRANDE (*Cabassous tatouay*) — É um pouco menor do que a espécie anterior (que pesa em torno de 6 kg) e tem alguns detalhes diferentes na cabeça e orelhas.

TATU-DE-RABO-MOLE (*Cabassous chacoensis*) — Ocorre apenas no Pantanal, sendo uma das espécies brasileiras menos conhecidas.